ANNO 3.º — Sexta-feira, 20 de Janeiro de 1911 — NUMERO 153

O DEMOCRATA

Orgão do Partido Republicano no districto de Aveiro

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brazil (anno) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

Editor — ALBERTO SOUTO

ANNUNCIOS

Por linha	40 réis
Communicados	20 réis

Annuncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Ao sr. Weiss d'Oliveira

Quando o nosso jornal estava a semana passada prestes a concluir-se, recebiamos do sr. governador civil a circular que vae ler-se:

Ao Sr. Director do jornal «O Democrata».

A maneira gentil e carinhosa como indistinctamente me acolheu a Imprensa d'este districto leva-me a ousar solicitar a attenção de V. Ex.ª para as normas porque reputo necessario, que a Imprensa guie, a fim de desempenhar a missão que lhe cabe, qual é, no momento actual, a de dar a sua quota parte do valiosissimo esforço pela consolidação da Republica em que reside o bem-estar de nós todos Portuguezes.

Cabe-lhe uma das mais altas missões—educar e preparar as massas para a nitida comprehensão dos seus direitos e deveres sem a qual não será estavel a Republica.

Não é pela adulação dos seus baixos instinctos ou pelo uso da frase violenta e aggressiva no combate contra os que divergem da nossa maneira de pensar, e que pretendemos trazer ao nosso campo, ou d'elles afastar o que elles e nós pretendemos captar, que se desempenhará da sua missão, mas sim pela correcção constante d'esses sentimentos ruins, por meios suasorios, que abundam nas massas ignorantes, como as nossas; pela constante doutrinação de idêas sãs e fortes, que tendam ao levantamento da iniciativa propria e do caracter, á maior confiança em si mesmo, etc., de todas as qualidades intellectuaes, moraes, physicas e estheticas que devem adornar o homem moderno; e, na polemica com os controrios pela collocação das questões no campo dos principios—discussões alevantadas e dignas, excluindo o personalismo, sempre irritante, e o soalheiro da vida particular, que ao jornal deve ser defeso.

São estas certamente as normas porque sempre se tem guiado a imprensa do Districto; porém, e por vezes, o desejo de fazer sobresahir os que commungam no mesmo altar ou o ardor da lucta fazem-nos um tanto esquecer.

O esquecimento d'essas normas não fará mais que emprestar elementos a este periodo de convulsão, porque passamos, e que se torna urgente fazer cessar quanto antes sob pena de graves prejuizos cauzados á nossa terra.

Espero de V. Ex.ª que não tradnzirá d'estas singelas palavras a intenção de intervir na maneira de ser do jornal da sua digna direcção, mas tão sómente a de exercer, por uma cortez solicitação á sua extrema amabilidade, o papel de *mero regulador* que me cabe como chefe do districto e como bom republicano e patriota, que deseja vêr entrar a sua Patria n'uma proxima era de mais felicidade, em cuja construcção, como já disse, muito cabe o esforço da Imprensa.

Aproveito a occasião para agradecer a V. Ex.ª todas as amabilidades que me dirigiu, que tomo como apoio incondicional ao Governo da Republica, e tambem para lhe offerecer os meus limitados prestimos.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 11 de Janeiro de 1911.

O Governador Civil

Weiss d'Oliveira.

Como acima dizemos foi-nos entregue esta circular quando o nosso jornal não podia já dar-lhe publicidade nem tão pouco responder ao sr. Weiss d'Oliveira, como era mister, visto não concordarmos nem com a sua opportunidade nem com a sua doutrina destrambelhada, como sua ex.ª vae vêr.

O *Democrata* tem proximamente quatro annos de existencia. Fundou-se porque era d'uma urgente necessidade a apparição d'um jornal republicano pois o que ahi existia com esse rotulo incompatibilisára-se com todos os homens honestos e serios, tornára-se o vasadouro immundo de todas as torpezas. Ha muito que a opinião democratica d'este povo reclamava um jornal norteado pela Justiça e pela Verdade, que fosse justo, imparcial.

Emfim, o *Democrata* appareceu.

No pequeno coefficiente das suas forças, cheio de boa fé, sinceridade e justiça, este jornal seguiu, durante muito tempo, um caminho assoalhado e sereno dentro do campo dos principios, doutrinando e corrigindo erros, desfazendo senões. Assim se manteve e imperturbavelmente seguiria sempre o mesmo caminho a sua alma clara e franca.

D'um momento para o outro, porém, as circumstancias mudaram e, ao rapido phagedenismo democratico, a monarchia oppoz uma guerra desleal e aterradora. Para jugular o mal, a monarchia assalariou a escumalha da imprensa, tudo o que era venal e torpe.

Na turba-multa, com fanfarronices de pimpão, destacou-se primeiro o tal jornal da nossa terra, *O Povo de Aveiro*. Da bocca do seu director—cloaca maxima de improperios e vilezas—surgiram os ataques mais violentos, os insultos mais suezes aos vultos proeminentes da democracia.

N'uma epilepsia de mêdo e odio, receando que um garrote lhe apertasse a garganta, esse homunculo d'Arnellas pediu á monarchia a morte dos republicanos, summariamente, contra um muro. Escreveu dos republicanos coisas vergonhosissimas, infamias sem conta. Apontava, calumniando, mancebias com irmãs, com mães, n'uma linguagem deslavada.

A principio, calámo-nos.

Em face da insistencia, porém, n'esse sujo e baixo proposito, o *Democrata* não podia, sob pena de atraiçoar a sua missão, ficar calado.

Falámos, então. Berrámos. Abrimos um parenthesis na vida serena e correcta do jornal—assim o declarámos n'essa altura—e azorragámos a besta. Amachucámos-lhe as ventas com a verdade, barrámos-lhe a cara porca com o pùs das suas baixezas, dos seus crimes.

Fômos violentos? Fômos. Mas, assim, n'esse momento, era imperiosamente preciso. Antes, porém, de encetarmos essa campanha aniquiladora e saneadora de aquella montureira, avisámol-o levemente, com as pontas de fogo de uns *sueltos*.

Nada o moveu; os patrões mandavam e o estipendiado cumpria.

Vergalhamol-o então, sem piedade e, esfrangalhando-o, fizemos um estendal da sua mizeria moral.

Atacamol-o na intimidade? Tambem elle atacou, primeiro, sem razão justificativa, mentindo sempre por odio e por rancor, os vultos da democracia.

Nós apenas lhe dissémos verdades embora, contra os nossos habitos, n'uma linguagem violenta. Fomos a isso arrastados pelas circumstancias. E, já agora, morreremos impenitentes:—d'isso não nos arrependemos.

Em certa altura, appareceu fazendo causa commum com o *Povo de Aveiro*, a sua collega *Beira Mar*.

Sahimos-lhe á frente, tambem, e dissémos ao apostata Jayme Duarte Silva, seu director, a enormidade dos seus erros e a vileza da sua camaradagem.

Fômos injustos? Não. Fomos violentos? Talvez.

As collecções d'esses jornaes estão aqui. V. ex.ª póde, querendo, compulsal-as.

Por ellas convencer-se-ha, que fomos simplesmente justos e que o ataque que fizémos, longe de nos envergonhar, antes nos nobilita.

De isso temos a plena convicção.

V. ex.ª já não é governador civil do districto; mas, se ainda quizer, em pouco tempo beberá, na collecção dos citados jornaes, as razões justificativas da nossa attitude. E' bom sempre não *fallar de côr*, nem dar ouvidos ao que nos *sopram* seja contra quem fôr. Para apreciar um facto torna-se necessario, primeiro, conhecer as suas determinantes, as suas causas proximas ou remotas, todas as circumstancias que o cercaram.

Só assim se póde ser justo, só assim póde ser opportuna qualquer objecção. D'outro modo é *fallar no ar*.

V. ex.ª, sr. Weiss de Oliveira, tem uma terra natal, tambem. Tem por ella, certamente, o affecto que nós temos pela nossa. D'isso não temos duvidas, pois que se não tivesse amor á sua patria e, restrictamente, á terra em que nasceu, não seria, n'um dado momento historico da sua vida, diz-se, um carbonario.

Pois, bem. Se na sua terra apparecessem dois miseraveis affrontando toda a gente, baralhando torpezas sobre tudo, sem respeito por ninguem, V. Ex.ª, sr. Weiss d'Oliveira, que deve presar o decôro do seu torrão e não quer que lhe deslustrem as suas tradicções de civismo, V. Ex.ª seria, pelo menos, tão violento como nós. Foi um acto de civismo que praticámos. Assim o pensamos e assim lh'o dizemos, com toda a calma.

Esse parenthesis violento, revolucionario, se assim o quizer, que abrimos então, fechámol-o apoz o 5 de Outubro. Para o abrir de novo agora? Talvez. Nós, tambem nos conservamos ainda entrincheirados, de bacamarte em punho, em defeza da causa que adoramos, atravez de todos os sacrificios, sem mira n'outra recompensa que não seja a tranquillidade da nossa consciencia e o bem estar, a prosperidade, da nossa gloriosa patria. Mas, por isso mesmo, não soffremos que a enxovalhem, que diffamem os seus homens, injustamente.

Queremos auxiliar a consolidação da Republica tanto quanto as nossas minguadas forças poderem mas, ahi mesmo, seremos irreductiveis, intransigentes com a torpeza e a mentira, com os torpes e os mentirosos.

Acamaradar com toda essa babugem entorcoral, não.

Só depois de sugeitar esses homens durante largo tempo a uma escola de civismo e de brio é que poderemos arrancar d'esse atoleiro algum que mostre arrependimento dos seus erros e tenha mostrado a convicção da sua emenda.

Até lá, não. Mas, homens como os dois que escalpellámos n'este jornal, não são susceptiveis de emenda. Com esses nada queremos nunca.

A cachexia cancerosa que os corroe e intoxica é incuravel.

Não precisaremos de ser violentos novamente?

Tanto melhor para todos nós. Mas, se o tivermos de ser, não hesitaremos contanto que d'esse nosso esforço advenha algum bem para a Republica.

E, então, corrigindo, desbastando, raspando, lixando, grosando mesmo, e, depois, amaciando o trabalho de depuração feito, que seleccionaremos caracteres que possam aquecer-se de coração limpo, ao sol da Republica.

Que todos se compenetrem dos seus deveres e sejam cidadãos correctos e, d'esta patria que tanto presâmos, filhos dignos. E' esse o nosso maior empenho.

Eis, sr. Weiss d'Oliveira, o que fômos e porque o sômos e o que seremos. O nosso *regulador* temol-o aqui sempre patente. E' a nossa consciencia. Não queremos outro, nem d'elle presisamos. E porque s. ex.ª houve por bem exonerar-se do logar que aqui desempenhava, por ultimo *só* nos resta dizer-lhe que fez o que devia porque emquanto a nós o documento que ahi fica transcripto era o bastante para o inutilisar politicamente se outros casos posteriores se não dessem.

Passe V. Ex.ª muito bem.

CARTA

Meu caro amigo

Acabo de ler, n'um intervallo do espectaculo d'hoje a favor das victimas da revolução de Outubro, um suelto da Republica *em que o sr. dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva affirma ser falso que tivesse dito que vira uma carta de Antonio José d'Almeida para Homem Christo.*

O telegramma de Marques da Costa tambem não diz que a carta era para Homem Christo e o desmentido de agora é talvez uma das varias manifestações de casuistica em que a Companhia de Jesus, ou do Christo se quizer, foi prodiga, procurando, pelo jogo de palavras, não mentir á propria consciencia.

Estou longe de considerar o sr. dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva um condotieri *da politica e lastimo sinceramente que tendo elle, por despeito apenas, feito a sua filiação no novo centro, tão depressa tenha de procurar illudir a propria consciencia para estar de accordo com os seus neo correligionarios.*

Escusado será dizer que, a existir tal carta, embora não dirigida a Homem Christo, mas solidarisando-se com elle como o telegramma diz, a considero apocripha e que o sr. dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva, de quem ha muito era amigo, foi illudido na sua boa fé, como tem sido outros ingenuos, que se filiaram n'esse beco (sem calemburg e sem sahida) que é o tal centro.

Aveiro, 19-1-1911.

Amigo certo

Samuel Maia.

Coisas & tal

E foi-se...

O assumpto d'esta semana, especialmente em Aveiro, foi o conflicto sussitado entre o governador civil d'este districto e as commissões republicanas, conflicto que deu em resultado a demissão d'aquelle depois de se ter provado as ligações mais ou menos latentes que existiam entre o sr. Weiss de Oliveira e a tropa fandanga que serve de acolyta ao esterquilinio pandilha d'Arnellas.

Francamente, nunca suppuzemos que apoz tres semanas da posse, o sr. Weiss d'Oliveira se comportasse para com as commissões republicanas e os velhos republicanos do seu districto, do modo desagradavel porque se comportou tentando trahil-os, rebaixal-os, anniquilal-os, talvez, para elevar aos pincaros d'um pedestal, que só pode ser de lama, os seus maiores inimigos, *Capirote* e *Mijareta*, esses dois desavergonhados, que exatamente porque perderam por completo a vergonha, se amoldam a todas as situações, ainda as mais degradantes e vexatorias.

Mas os republicanos d'Aveiro descubriram a tempo a manobra e o sr. Weiss d'Oliveira não teve outro remedio senão fazer ablativo de viagem, retirando-se do logar, para de novo ir dar consultas no seu escriptorio de Lisboa de onde, afinal, era bem melhor não ter sahido.

Que seja muito feliz.

A tempo

O governo demittiu o sub-delegado do Procurador da Republica, n'esta comarca, dr. Innocencio Rangel, por ter assignado, juntamente com o reverendo Fernandes, aquella celebre moção approvada no *centro capirotaceo* e que o ex-governador civil acceitou com as mãos ambas sem todavia se lembrar de que ella, fatalmente, lhe havia servir de mortalha.

Pois é pena, porque o rapaz, com o geito que mostrava ter para a magistratura, podia ir muito longe. E a Republica perde com isso...

Na brecha

O nosso collega de Lisboa, *A Revolta*, chamando ha dias a attenção do sr. ministro do interior para o que se passa em Aveiro com o larvado de Arnellas, escreve:

> «A extrema magnanimidade do Governo Provisorio, não conservou preso na cadeia do Limoeiro esse famigerado Homem Christo, que tem a habilidade de encerrar em si dois insultos: um no seu nome, ao grande philosopho nazareno, outro á bella cidade de Aveiro, no nome da sua nojenta folha.
>
> Mas a sua magnanimidade toca as raias do delirio com a protecção escandalosa que lhe presta a primeira auctoridade do districto, guardande-lhe a casa pelo nosso exercito, para que elle, impunemente, possa vomitar todas as insolencias que queira sobre a Republica Portugueza.
>
> O glorioso exercito que fez a revolução estar protegendo aquelle que desvirtua os homens, que entraram n'essa odysseia, é um tal contrasenso, que não parece de homens ajuizados.
>
> O proprio nome honrado do illustre Ministro do Interior, se por causa de um pulha como aquelle Christo, que venderia Judas, pudesse estar manchado, já o estaria pelas villissimas e inacreditaveis affirmações que com sequazes publicamente espalha.
>
> Urge, illustre Ministro do Interior, que faça entrar na ordem as auctoridades que por amizade pessoal seja a quem fôr, fóra da ordem se collocam.
>
> O nosso exercito não póde ser honrado pela sua gloriosa jornada de 5 de outubro e deshonrar-se guardando quem, offendendo a Republica, o offende».

Tem razão o collega. Isto que se está dando em Aveiro é unico e até inacreditavel.

Ao miseravel já não basta apregoar que está *armado*, que tem em casa gente para lhe defender a vida e a propriedade e que o primeiro ou o segundo que apparecer será victima. Acha pouco isso, o pulhastre, e porque assim seja chama a força armada para ao pé da porta, que logo lhe é concedida, o que até certo ponto o ha-de trazer mais tranquillo e socegado para continuar a dizer o que diz da Republica e do partido republicano.

Olhe, collega, mas a culpa é tambem nossa por lhe não applicarmos na devida altura o termo-cauterio...

Mas...

Mas... se o numero estava escripto com calma, moderado, em harmonia com os desejos do sr. governador civil, que Deus haja na sua santa guarda, correspondendo portanto á deliberação governamental que lhe foi intimada, para que mistér destruil-o, inutilisal-o?

Bem certo é o rifão que *mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo!...*

E que grandissimo coxo, este não menos grandissimo patife!...

Carta roubada

Sabemos que o nosso amigo e collega Alberto Souto vae intentar acção judicial contra o abuso inqualificavel de lhe terem subtrahido uma carta particular que ultimamente appareceu publicada n'um jornal [illegible] Lisboa, carta que lhe [illegible] ressada pelo sr.

dr. Moura Pinto e na qual se tratava da questão do governador civil d'Aveiro.

O responsavel pela infamia é o secretario do ministro do interior, Simões Raposo, segundo elle proprio declarou pela imprensa.

Appoiado

Diz o *Pulha*, com o que completamente concordamos, o que acontece pela primeira vez, que *em Aveiro ha um canudo indecentissimo que diz tudo quanto ha de mais abjecto e de mais porco, de mais offensivo da moral publica*, etc.

Não offerece duvida que a referencia nos attinge e de facto concordamos com ella.

O nosso jornal é sem duvida indecente quando pela força das circumstancias tem de reproduzir, transcrevendo, quanto o reles bandalho, escrevinhador latrinario do immundissimo *Pulha*, vomitou sobretudo e todos, com quem hoje vive na mais repellente e vergonhosa promiscuidade.

Mas nós bem sabemos onde te doe, cynico e incoherente malandro!...

Um talento

O socio e vice-presidente da assembleia geral do *Centro Capirotaceo*, Innocencio Rangel, é positivamente um grande talento se até não fôr mais alguma coisa.

Para o comprovar basta que publiquemos *ipsis verbis* o telegramma que estava para enviar ao sr. ministro da justiça quando lhe constou que ia ser demittido de sub-delegado do Procurador da Republica e que resava assim, como alguem nol-o afiança:

Porque defeza Republica, pelo visto, não está no facto de fazer quem procure servir com lealdade e sinceridade, mas depende da vontade do denunciante Antonio Marques da Costa, medico de um partido d'este concelho logar que abandona a todos os momentos, com grave prejuizo publico, para passear n'esta cidade, intrigando e conspirando contra quem lhe não serve seus desegnios, venho sollicitar de V. Ex.ª minha demissão logar sub-delegado Procurador Republica, que tenho procurado exercer com honra e escrupulo comquanto assigne a V. Ex.ª e ao Governo Provisorio com respeito e consideração.

O' sapateiros d'Aveiro, exultae!...

Armados!

O nosso collega *O Povo*, de Vianna do Castello, intitula assim um suelto referente á estada de varios individuos armados na redacção do *Pulha d'Aveiro* e commenta que *para estranhar seria que lá estivessem desarmados*.

Está claro.

CENTRO REPUBLICANO

Continuamos hoje a publicar os nomes dos novos inscriptos n'este Centro e que são os cidadãos:

Alberto da Cunha Azevedo, commerciante; Alberto João Rosa, idem; dr. Alberto Ruella, advogado; Alfredo Gaspar d'Oliveira, empregado publico; Alfredo Manso Preto, idem; Alfredo dos Santos, empregado do gaz; Alfredo dos Santos Ferreira, ferrador; João da Silva, moleiro; João da Silva Junior, ferrador; João Vasco de Carvalho, agronomo; Joaquim Fernandes Martins, empregado do commercio; Joaquim Monteiro, distribuidor de jornaes; dr. Jorge Couceiro da Costa, juiz de direito; José Antonio Cidraes, director do correio; José Augusto, sapateiro; José Augusto Ferrer Negrão, sargento da guarda fiscal; José Francisco da Silva, tanueiro; José Lopes Casal Moreira, empregado municipal; José de Mattos, barqueiro; José Maria Fernandes, ferrador; José Maria de Lemos, calafate; José Maria da Silva das Neves Alleluia, carpinteiro; José Marques Soares, funileiro; José Migueis Picado Junior; José Miranda Leal, amanuense; José Monteiro, distribuidor de jornaes de Lisboa; José Nunes da Anna, commerciante; José d'Oliveira Lopes, empregado publico; José Pinto Queimada, official de infantaria 24; José Rodrigues Jeronymo, negociante; José Rodrigues Mieiro, alfaiate; José Soares de Mello, marceneiro; Josoé Pinheiro das Neves, pichelleiro; Julio Cesar da Costa Cabral, tenente de infanteria 24; Julio Martins Ribeiro d'Almeida, capitão do porto; Laurelio Augusto Regalla, empregado da Caixa; Laurelio Pereira Guimarães, estudante; Lourenço de Mattos, barqueiro; Luiz Alberto Couceiro da Costa, empregado publico; Luiz Antonio da Fonseca e Silva, empregado publico; Luiz Duarte Moreira, empregado publico; Luiz Maria Duarte Moreira, alfaiate; Luiz de Mattos Junior, alfaiate; Luiz Pinheiro Palpista, barqueiro; Luiz de Pinho das Neves, marnoto; Luiz dos Reis da Rozaria, marnoto; Luiz Rodrigues Dilalma da Graça; Manuel Augusto da Silva, marceneiro; Manuel Bernardo Calmão, empregado publico; Manuel Bernardes da Cruz, amanuense; Manuel Calmão Ravara, marnoto; Manuel da Costa Ferro, artista; Manuel Dias Vasconcellos, cabo d'infantaria 24; Manuel Ferreira Viegas, capitão d'infantaria 24; Manuel Gouveia, alfaiate; Manuel da Graça Paula, negociante; Manuel de Mattos Junior, marnoto; Manuel Nogueira, chapeleiro; dr. Pereira da Cruz, medico; Manuel de Pinho Vinagre, mercantel; Manuel Razoilo Sacramento, empregado publico; Manuel Ribeiro da Silva, pechelleiro; Manuel Rodrigues Dilalma Graça, sapateiro; Manuel Rodrigues Leite, official d'infantaria 24; Manuel Ribeiro da Silva Carmo; Manuel Simões da Cruz Junior, serralheiro; Manuel de Souza Gouveia, agente da Singer; Manuel de Souza e Silva, proprietario; Manuel Thomaz Vieira, proprietario; Mario Arroja, sapateiro; Mario Mourão Gamellas, tenente d'infantaria 24; Mazanielo Cordeiro, alfaiate; Orlando Eugenio Peixinho, estudante; Pedro da Costa Pirré, carpinteiro; Pompeu da Costa Pereira, commerciante; Raul Affonso Perdigão, veterinario; Reynaldo Vilhena Torres, empregado publico; Ricardo Cordeiro, serralheiro; Ricardo Gonçalves da Peixinha; Ricardo Rodrigues Mieiro, commerciante; D. Sarah de Pinho Vinagre, domestico; Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, escrivão; Theophilo Reis, dentista; Valeriano Simões Lemos, sapateiro; Vicente Pinheiro Palpista, carpinteiro; Vicente Rodrigues Cruz, proprietario; Victorino José Marques, lavrador; Vidal Oudinot, professor; Viriato Fernando Souza Marques, empregado publico; Viriato Ferreira de Lima e Souza, empregado publico; Wenceslau José Gonçalves Guimarães, capitão de infantaria 24; dr. Zeferino M. C. Borges, medico d'infantaria 24.

Gréves

Terminou a dos caminhos de ferro, entrando na segunda-feira em circulação todos os comboios e está em via de solução a dos metalurgicos de Lisboa.

Oxalá que sejam estas as ultimas, pelo menos por emquanto.

Assim mesmo

No primeiro numera da *Republica*, jornal que no dia 15 encetou a sua publicação em Lisboa debaixo da direcção do sr. dr. Antonio José d'Almeida, ministro do interior, lê-se na primeira pagina, em typo normando, esta formal resposta aos boatos espalhados, principalmente em Aveiro, sobre pretensos entendimentos politicos entre o nosso illustre correligionario e creaturas mais ou menos desqualificadas, o que nos apraz registar contribuindo tambem para que a calumnia seja reduzida ás proporções devidas e os calumniadores postos em cheque, amarrados ao pelourinho da sua malandrice:

«O *Mundo* de antes de hontem publicou um telegramma de Aveiro em que se diz affirmar-se, n'aquella cidade, que eu havia escripto uma carta a Homem Christo, declarando-me solidario com elle.

O boato insidioso tem sido largamente espalhado tambem em Lisboa, ao que me consta.

Respondo em poucas palavras para declarar:

1.º Que auctoriso todas as pessoas que possuam cartas minhas por mais particulares, por mais intimas que sejam, a que, pelo que me respeita, as publiquem quando quizerem e como quizerem;

2.º Que intímo formalmente quem se diga possuidor de cartas minhas, que possam beliscar ao de leve a minha lealdade para com o partido republicano ou attestar a minha transigencia ou benevolencia sequer para com qualquer dos seus inimigos, a que as publique immediatamente.

A calumnia morrerá por si Não me será dado o trabalho de a matar.

Lisboa, 14 Janeiro 1911.

Antonio José d'Almeida.
Ministro do Interior.

A' prova e... sem commentarios

O Centro Nacional Democratico

Considerando que d'uma politica de ordem e de paz resulta necessariamente a consolidação da Republica, e assim o bem publico e a integridade da patria portugueza;

Considerando que é preciso, a todo o transe, fulminar a demagogia que lavra em Portugal, tornando a Republica uma instituição modelar quer na administração dos negocios do Estado, quer na tranquilidade dos cidadãos portuguezes que leal e devotadamente estão cooperando no rejuvenescimento do paiz e do caracter nacional;

Considerando, pelo que diz respeito á politica d'Aveiro, que é urgente constituir a disciplina na sociedade, e trazer a ordem aos negocios publicos;

Considerando que o semanario republicano *o Povo de Aveiro* tem prestado e está prestando á patria e á Republica, por salutares conselhos e pela sua intransigente attitude contra a desordem e a anarchia, os mais relevantes serviços, concorrendo, como uma das mais importantes forças, para a consolidação das novas instituições;

Considerando, pois, que a defeza d'este jornal e do seu director constitue um dever civico de que se não pode isemptar o bom republicano, e todo o cidadão portuguez

O Centro Nacional Democratico resolve e por acclamação approva:

1.º—Defender por todas as formas, ainda as mais violentas, qualquer ataque á propriedade ou vida do director do *Povo de Aveiro*.

2.º—Notificar d'esta sua resolução, que sustentará atravez de tudo, o governador civil de Aveiro e o ministro do interior.

Aveiro, 12 de janeiro de 1911.

(aa) **Antonio Fernandes Duarte e Silva**
Innocencio Fernandes Rangel.

* * *

Contraste

«O homem que espalha aos quatro ventos a força da sua dialectica, e que a uma argumentação séria **responde com o esterquilinio dos maiores insultos, está a baixo de toda a critica.**

O estylo é o homem, affirmava um notavel escriptor. Lêmos Camões, o inegualavel epico portuguez, e parece-nos tactear ainda o grande coração, que estuava em admiraveis conflagrações de amor patrio, e que depois de ter semeado a vida nos climas tropicaes voltava á patria, pobre e humilde, para lhe offertar a gloria do seu nome.

Lê-se o *Povo de Aveiro* e... que fumarada espessa de improperios, decorados na humida e fria tarimba! **E' a verdadeira asphyxia pela imprensa**, como escreve o Padre Senna Freitas.

Aquelle jornal nasceu da massa de trapos, e á massa de trapos voltou, participando assim do anathema proferido sobre a humanidade: *és pó, e em pó te has de converter.*

. . . .

Um celebre escriptor contemporaneo aconselhava, ha pouco tempo, a creação de uma companhia sanitaria de gaz oxygenio para neutralisar os effeitos asphyxiantes de certa imprensa. Eu aconselho á auctoridade respectiva a leitura do *Povo de Aveiro* para julgar da necessidade urgente d'uma desinfecção energica. Na verdade, **a existencia da referida gazeta é uma ameaça constante á moral publica.** E os habitantes de Aveiro sabem por experiencia até onde pode chegar o HOMEM **sem o freio da moral e da relegião.**

Diz o *orgulhoso escriptor* que estimou a minha linguagem porque lhe dá margem a trabalhar á vontade. Podia, talvez com mais razão, accrescentar: e porque essa linguagem nos fornece assumpto para sustentarmos a já exigua popularidade da nossa gazeta. Ora, como eu não quero ser connivente n'um crime de lesa-moral, vou deixar *trabalhar* á vontade o sabio escriptor, pondo termo á questão que com elle iniciei.

. . . .

Não fiquei conhecendo o meu contradictor, porque o *grande sabio* teve a cobarde prudencia de não assignar o que escreveu, para assim escapar ás justas censuras de um publico consciencioso. Fiquei, todavia, sabendo até onde pode chegar o homem, **extranho aos mais elementares principios da moralidade e do dever.»**

Antonio Fernandes Duarte e Silva

(Excerto d'um artigo publicado em 1899 no jornal *A Vitalidade*)

PROPAGANDA REPUBLICANA

Em Verdemilho

Foi de verdadeiro triumpho para a Republica o dia 6 ultimo em Aveiro. Soberbos os resultados do trabalho dos republicanos, admiravel a união, a solidariedade o enthusiasmo de todos os que tendo combatido pela Republica na mais difficil região do paiz, onde tantos vexames e tantas perseguições se soffreram por esta cauza, agora continuam na mais bella harmonia a obra de propaganda e educação que tornou invencivel o partido republicano portuguez. Os republicanos de Aveiro, confraternisando n'esse dia em duas grandes festas democraticas, o comicio de Verdemilho e o banquete em honra de José Casimiro da Silva, sentiram-se possuidos de mais força, mais ardor combativo para fazerem frente a todos os vendidos, traidores ou falsos republicanos que esperam continuar na Republica a obra de corrupção e perseguição da monarchia e que pensam em se apoderarem da Republica pelo seu caciquismo para a transformarem em uma monarchia de barrete phrygio.

O COMICIO

Verdemilho é um populoso logar da visinha freguezia de Aradas, onde ainda ha pouco se realisou um concorrido comicio, e que tem tradições honrosas na historia da nossa liberdade. Promovida pelos republicanos da freguezia, realisou-se alli no domingo 6, uma grande reunião de propaganda republicana que teve logar n'um amplo salão comportando centenas de pessoas, na quinta da Senhora das Dôres, pertencente á familia dos nossos amigos Tavares Lebres.

De Aveiro, Ilhavo, Agueda e logares circumvisinhos, viam-se muitos correligionarios nossos, estando representadas as commissões municipaes e parochiaes de Aveiro e Ilhavo, Agueda, Cacia, Eixo, Requeixo, etc. Achavam-se presentes tambem os administradores dos concelhos de Agueda, Aveiro, Ilhavo, Estarreja e Vagos, o capitão do porto de Aveiro, officiaes do regimento de infanteria 24, Grupo de Propaganda da Mocidade Democratica de Aveiro, Centro Escolar Republico, etc.

De Aveiro, em carros, foram o capitão do porto, sr. Julio Ribeiro, o capellão do 24, o tenente do estado maior de artilharia, sr. Seabra, o dr. Marques da Costa, dr. Eugenio Ribeiro, tenente Costa Cabral, commandante da guarda fiscal, Alferes Leite, tenente Simões, dr. Alberto Ruella, veterenario Perdigão, dr. Henrique Pinto, dr. Antonio Brêda, Alberto Souto, professor Casimiro da Silva, Arnaldo Ribeiro, Manuel Lopes Guimarães, Antonio Maria Ferreira, Eduardo Trindade, Pompilio Ratola, José Pinheiro, Manuel Marques da Cunha, Elysio Feio, etc, etc, etc, e muitos outros dos nossos mais dedicados correligionarios, que foram esperados com musica e flôres, soltando-se muitos vivas. O comicio, concorridissimo, apinhando-se o povo nas janellas para ouvir, e com a assistencia de muitas mulheres, foi presidido pelo incansavel e sympathico trabalhador que é o dr. Eugenio Ribeiro, que foi recebido com muitas palmas bem como os secretarios, srs. tenente Mario Gamellas e Antonio Tavares Lebre. Usaram da palavra, além do dr. Eugenio Ribeiro, os srs. Ruy da Cunha e Costa, tenente Costa Cabral, capellão do regimento, que produziu um magnifico discurso de educação civica, atacando a educação jesuitica e a obra nefasta da reacção clerical, o que lhe valeu uma estrondosa ovação; dr. Antonio Brêda, capitão do porto, Alberto Souto e dr. Samuel Maia, sendo todos enthusiasticamente applaudidos, tocando a musica a *Portugueza* e soltando-se muitos vivas.

No fim do comicio foi offerecido n'uma das salas da casa dos srs. Tavares Lebre, pelos republicanos de Aradas, um copo de agua em que se trocaram brindes affectuosissimos, sendo os nossos infatigaveis correligionarios da freguezia muito felicitados por todos, pelo exito da sua festa e pelo brilhantismo que lhe souberam imprimir, retirando-se todos com as mais gratas recordações d'esta jornada de propaganda e solidariedade republicana, importantissima para a politica districtal.

Momentos lucidos do *Capirote* quando se dirigia aos *salteadores da sua terra*—que eram os franquistas—com quem hoje está identificado e mancomonado no *Centro da Bandalheira Nacional*:

«Pulhas! Grandes pulhas! Pulhas que nunca foram nada senão pulhas. N'um dia republicanos, n'outro dia monarchicos, n'outro dia republicanos outra vez, hoje monarchicos novamente e ámanhã pela terceira vez republicanos, se soprarem ventos de favor para a republica.

Pulhas, grandes pulhas!»

«Pulhas que nunca saíram da insignificancia d'este recanto.

Pulhas que *teem limitado seus serviços* **á causa da liberdade e da democracia portugueza, a engraxar as botas a todos os magnates da politica monarchica que apparecem em Aveiro. Pulhas sempre promptos a figurar como convivas dos jantares da especulação partidaria da terra e districto.»**

«Independencia d'Agueda»

Sae agora duas vezes por semana, tendo entrado para a redacção elementos de valor, este nosso presadissimo collega que tem por director Eugenio Ribeiro.

Folgamos.

NOTAS DA CARTEIRA

Está n'esta cidade a convalescer de uma enfermidade que por algum tempo o reteve na cama, o nosso amigo e correligionario de Lisboa, sr. João Ferreira,

== Faz hoje annos o sr. dr. Alberto Ruella.

== Partiu para o Pará o sr. Antonio Marques da Cunha, filho do importante capitalista aqui residente, sr. Ignacio Marques da Cunha.

Boa viagem e felicidades.

== Vimos hontem n'esta cidade o nosso correligionario d'Eixo, sr. dr. Eduardo de Moura.

== Tambem aqui estiveram os srs. Manoel dos Santos Costa e Antonio da Rocha Martins.

== Tem estado doente um filhinho do sr. José Mendes Leal, da Quinta do Picado.

Desejamos as suas melhor a

CORRE DE BOCCA EM BOCCA:

Que vá lá a gente fiar-se em lagrimas enganadoras.

—Que nunca pensámos em vel-as desmentidas tão cedo e tão ás claras.

—Que porém onde ellas se fazem ellas se pagam.

—Que cada um tem o premio das suas virtudes.

—Que quem serve um Ideal deve collocal-o acima de tudo.

—Que devem convencer-se d'isto aquelles que fecham os olhos á verdade das cousas.

—Que estamos a ver quanto recebem os que se affastam d'esta doutrina.

—Que o carro triumphante da Republica avança magestoso e seguro.

—Que dentro d'elle todos cabem, os que form esinceros e honestos.

—Que os que assim não pensarem e proceder vão correndo a estrada do descredito onde ficam desmascarados.

—Que sejam grandes ou pequenos doutores ou leigos a sorte é igual para todos.

—Que a epocha das traições, dos arranjos e das habilidades morreu para sempre.

—Que quem quizer remar contra a maré o resultado será cançar-se.

—Que por isso cahiu como devia quem não soube manter-se como lhe cumpria.

—Que só nos entristece o estranho caso que antes desejavamos fosse o contrario.

—Que cada vez mais convictamente affirmamos que tudo isso acabará triste

—Que tudo se reune e avança para a realidade de quanto temos affirmado.

—Que o *Capirote* ao sahir da *gaiola* recebeu o primeiro par.

—Que na *magna* sessão d'onde sahiu o famoso protesto, *Mijareta* acolytou o dr. *escaleto*.

—Que o pobre diabo apesar do espirito-santo d'orelha só confirmou o que estava ha muito confirmado.

—Que o dr. Fernandes vae de novo questionar com o *Capirote* sobre se os reverendos devem ou não casar.

—Que d'essa polemica alguma coisa hade ficar para os vindouros.

—Que já da outra estamos agora a reproduzir bocadinhos d'ouro.

—Que o dr. Fernandes já não quer agora publicar o *Radical.*

—Que agora, no centro, sob a sua égide está bem melhor e a... caracter.

—Que bem dizia o *Pulha: burricada d'Aveiro, arrebitae as orelhas.*

—Que tanto ouviram e arrebitaram que lá estão com elle.

—Que nunca vimos nem ha prova mais estrondosa de tanto descaramento.

—Que aquelle *considerando* da lavra do *Mijareta* sobre os serviços do *Pulha* prestados á patria e á Republica, fez tal impressão de nôjo que houve quem nada mais lêsse.

—Que n'essa phrase é que elles se desmascararam.

—Que embora não fosse ella precisa para conhecer-se a cambada, é digna porém de registo.

—Que o socio do centro, vivendo da arte, recebeu encommenda de 100 pares de ferraduras todas para patas trazeiras.

—Que ha um par de luxo, catitinho, para o *Jerico.*

—Que se suppõe serem estriadas no dia da grande... marcha forçada.

—Que muito se engana quem *cuida.*

—Que o *Bebes* vem de novo escamadissimo com os seus pensamentos.

—Que se declara apologista da ordem e progresso.

—Que sem duvida alguma lhe ficam bem esses sentimentos.

—Que declara a sua indole toda de paz e de doçura a 260 réis ao... kilo.

—Que no preço faz concorrencia ao assucar de segunda.

—Que promette, com anciedade do mundo jornalistico, satisfazer todas as reclamações da opinião publica.

—Que muito desejavamos saber onde mora essa senhora para ouvirmos tambem das suas queixas.

—Que é claro que não podemos approximarmo-nos do grande jornalista, mas emfim...

—Que o *Progresso* continua no triste fadario das transcripções em normando.

—Que essas transcripções são para provar... que nos devemos deixar comer.

—Que bem sabemos d'onde vem a esperteza, porque é o caso do *gato escondido com o rabo de fóra.*

—Que isso tudo é do *Gabrielsinho* que já não vae para a roça a ver se pégam as bichas.

—Que não pégam, por que não deixamos, ainda que nos cortem ás postas.

—Que irão todos e tantos pela borda fóra, até que venha o verdadeiro e legitimo.

—Que digam quanto quizerem, mas fallam os factos e as duvidas callam-se.

—Que bem sabemos o que faz *Gabriel* na sombra, jogando de porta.

—Que a seu tempo ajustaremos contas que não perdem com a demora.

—Que andou um celebre [illegible] por ahi dando a sua palavra d'honra de ter visto cartas do ministro ao bandalho.

—Que olhando para dentro de si, depois da declaração do mesmo ministro, ficou estupefacto.

—Que a maior desgraça d'este mundo para qualquer é a falta de juizo e de criterio.

—Que bem certo é o rifão tão esquecido: *mais vale morte que vergonha.*

—Que vergonhas d'estas, aliás tão dispensadas, valem bem duas ou tres mortes.

—Que os *Capirotaceos* e o seu centro, foram já aspargidos com a respectiva agua lustral apropriada.

—Que essa agua tem o nome com que Cambronne respondeu aos inglezes em Waterloo...

Novos funccionarios

Foram nomeados sub-inspectores d'instrucção primaria depois das magnificas provas prestadas, tomando já posse dos seus logares, os nossos amigos e correligionarios historicos, Vidal

Oudinot, collocado em S. Pedro do Sul, e Portella da Silva, em Chaves.

Foram no tempo ominoso da monarchia victimas do *caciquismo* local, sendo perseguidos, especialmente o ultimo pelo famigerado Conde d'Agueda, que com o seu louvavel costume se escondia para a pratica d'estas e d'outras infamias, fugindo assim á responsabilidade do seu procedimento e pretendendo inculcar-se no espirito publico, como alheio e irresponsavel dos factos consumados.

Cedo, porém, se lhe descobriu o processo e d'ahi pouco lhe servia, depois, as suas habilidades.

Portella da Silva foi transferido e altamenre prejudicado nos seus justos interesses, e Vidal Oudinot ameaçado e encommodado por amor ao seu Ideal.

Emfim, a hora da justiça soou e foi ella feita a quem todo o direito tinha que lh'a prestassem.

Aos novos funccionarios os nossos mais sinceros e enthusiasticos parabens, desejando-lhes as felicidades de que são merecedores.

MOÇÃO

Depois de terem conhecimento da ida ao governo civil d'uma commissão delegada do *Centro da Bandalheira Nacional* para entrega ao chefe do districto do documento que n'outro logar publicamos assignado pelo reverendo Fernandes e Innocencio Rangel, reuniram as commissões republicanas locaes que por sua vez approvaram e foram entregar tambem ao sr. Weiss d'Oliveira, de triste memoria, a seguinte moção:

«Em sessão conjuncta, as commissões republicanas, isto é, as commissões do Partido que fez a Republica, ponderando a situação politica e os acontecimentos locaes, manifestam ao governador civil o seu desgosto e, correspondendo ao seu appello, n'este momento protestam o seu espirito de disciplina e ordem, mas protestam egualmente não estarem dispostas a supportar mais vexames aos inimigos da Republica lançados na sombra. Os partidos, os povos e os homens teem de ser dignos, e o Partido Republicano e a Patria não poderão ser dignos sofrendo ultrages. Hoje seremos ordeiros e calmos, mas ámanhã teremos a energia que a nossa dignidade impuzer».

Jornaes novos

Começaram a publicar-se respectivamente em Lisboa e Lamego, *A Resistencia*, semanario defensor dos ex-seminaristas, professorado, feminismo e pessoal dos correios, telegraphos e obras publicas e *A Verdade*, orgão do grupo republicano radical.

Desejamos-lhes muitas prosperidades.

Outra carta

Meu caro Arnaldo

Permitte-me que te roube um canto do teu jornal para contar a historia interessante da nomeação do novo administrador de Albergaria-a-Velha.

Proclamada a Republica exerceu o cargo de administrador do concelho por algum tempo, conjunctamente com as funcções de presidente da camara, o cidadão dr. Manuel Marques de Lemos, medico n'esta villa.

Pouco tempo depois foi nomeado para a presidencia da administração o bacharel Carlos Alberto Barbosa.

Era ainda então governador civil de Aveiro o cidadão Albano Coutinho e só a instancias d'este senhor, o dr. Barbosa acceitou o logar com a promessa formal, por parte d'este, de que se conservaria na administração por pouco tempo.

Após a sahida do governador civil, Albano Coutinho, era intenção do dr. Barbosa pedir a exoneração. Obstou a este seu intento a conhecida questão e attitude assumida n'uma reunião politica em Aveiro, effectuada em virtude da vinda do dr. Weiss d'Oliveira para governador civil do districto, não se julgasse que o dr. Barbosa pedindo em acto continuo a sua exoneração queria manifestar ao novo governador civil a sua má vontade.

Só em 7 do conrrente mez, elle, com a commissão municipal, quando cumprimentava o dr. Weiss lhe fez sentir que ia pedir a exoneração.

N'essa occasião parece que a commissão municipal manifestou ao dr. Weiss o desejo de que a nomeação do novo administrodor recahisse no dr. José Nogueira Lemos, advogado d'Alquerubim, como aliás outros elementos politicos do districto já lhe tinham feito sentir a conveniencia.

E parece que effectivamente era de toda a justiça a nomeação d'este novo, que reunia em si todas as condições para dar á politica concelhia uma orientação moderna, consentanea com as ideias democraticas, a bem do paiz e da Republica.

Mas infelizmente não se fez assim.

Passados dias recebia o dr. Barbosa na administração do concelho uma carta do governador civil em que lhe notificava que o logar devia ser preenchido pelo official reformado Luz Maltez e que convocasse a commissão municipal para ouvir a sua opinião sobre o assumpto.

A commissão e o administrador demissionario foram de parecer, e assim o fizeram saber ao ex.mo governador civil, que, n'esta occasião, para a politica do concelho e do paiz impunha-se a nomeação d'um individuo conhecido, a quem o povo respeitasse pelo seu valor proprio, pela sua familia e a quem mais facilmente comprehendia, como seria o dr. José Lemos.

Não se entendeu assim.

Contra toda a espectativa o *Diario do Governo* de 14 inseria nos despachos do ministerio do interior a demissão do dr. Carlos Barbosa e a nomeação do sr. Luz Maltez, elemento estranho ao districto!

No meio da surpreza e indignação de todos os albergarienses vemos assim abafada a voz do povo pela preterição do parecer dos seus representantes.

A'manhã teremos de acolher o cidadão Maltez, que a estas horas, na sua terra, feitas as malas e as despedidas, procura com attenção na nossa carta geographica a villa de Albergaria-a-Velha e encontrada ella, não sem graves difficuldades, demandará á estação do Rocio á procura d'um bilhete que lhe dará direito a um confortavel logar no sud-express, até á estação de Estarreja.

Depois, ao trote dos estropiados cavallos do Tarrinca fará a sua entrada triumphal n'esta villa, onde auferirá uns parcos 25$000 réis mensaes.

Mas o que é mais grave e espinhoso no meio d'isto tudo, é o papel que assumiu o ex.mo governador civil.

Quando s. ex.ª veio para Aveiro, acolhido benevolamente por todos, prometteu-nos um largo periodo de paz e de justiça, uma politica de attracção como é absolutamente necessario ao districto.

E então, plenamente crentes na sua promessa, nós viamos já surgir no districto de Aveira uma nova era politica em que havia alguem que comprehendesse o significado da expressão-politica.

Toda essa nossa crença, todo esse nosso desejo se esbateu ao repararmos que mais uma vez n'este malfadado districto o abitrio abafou a justiça.

Posta a questão sem paixão e sem interese, quem deveria ser nomeado administrador?

A nós parece-nos por todos os titulos que deveria ser o dr. José Lemos, indicado pela commissão municipal que é o povo e por outros elementos republicanos de valor.

Não o entendeu assim o ex.mo governador civil, tahindo as promessas de bôa paz. d'attracção e de democracia, que nos havia feito ao tomar conta da governação do districto.

Com esta sua resolução, s. ex.ª nada mais fez que se não abrir conflicto com a commissão municipal d'Albergaria-a-Velha, que indicava o nome do dr. José Lemos, retirando a confiança que era de esperar s. ex.ª depositasse na mesma commissão, formada por homens de valor e prestigio.

Albergaria-a-Velha, 17 de janeiro.

Teu etc.,
Caselhos.

Tem razão o nosso correspondente. A recente nomeação do administrador d'Albergaria como o de Estarreja foram duas crassas asneiras do sr. Weiss d'Oliveira que certamente hão de ser reparadas pelo seu successor, como é de inteira justiça.

Carnaval

Começam no domingo os bailes carnavalescos do *Theatro Aveirense* constando-nos que em breve subirão á scena, pelos seus promotores, as engraçadissimas opperetas *O amor por extravagancia* e *A procura das botas p'rás eleições*.

As entradas custam 120 réis.

* * *

N'um salão da rua Tenente Rezende tambem este anno terão logar algumas *soirées* dançantes estando empenhados em imprimir-lhe o maximo brilhantismo alguns rapazes da nossa beira-mar.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 18 de Janeiro de 1911.

Presidencia do vogal Marques de Almeida na auzencia justificada dos cidadãos presidente e vice-presidente. Assistiram os vogaes Francisco Picado, Casimiro da Silva, Antonio Maria Ferreira, Martins Villaça, Eduardo Neves e Affonso Fernandes.

Acta approvada, em seguida ao que foram presentes e deferidos, requerimentos de Manuel José da Silva Quintas, da Murtosa, para construcção de uma casa na rua *Almirante Candido dos Reis*; José Simões Carrello, de Cacia, para vedação d'uma propriedade que alli possue; Maria Martins, viuva, d'Eirol, para averbamento do uso fructo d'uma obrigação do mercado *Manuel Firmino* que lhe pertenceu por obito de seu marido Manuel Lopes dos Santos; e

Indeferidas as petições de João Simões Nunes, proprietario, de Cacia, para ser arreada uma casa existente na rua do Barreiro, d'aquella freguezia, que disse ameaçar ruina e se verificou não ser verdade;

De Accacio Vieira da Rosa, de Verdemilho, para ser alterado o alinhamento dado a um muro pertencente á familia Tavares Lebre, n'aquelle logar, alinhamento que se verificou ser o unico a seguir alli; e

De varios cidadãos residentes no logar de Taboeira, solicitando que a Camara accione José Marques Secio e Manuel Dias Baptista, d'aquelle logar por se haverem apropriado d'um poço que dizem ser propriedade municipal, mas que a camara como tal não reconhece, mantendo, portanto, a deliberação já anteriormente tomada sobre o assumpto.

Foram ainda presentes:

Um officio do Director Geral do Ministerio dos Negocios da Justiça, pedindo instrucções ácerca d'uma casa existente na rua de Sá, fronteira ao Quartel d'Infanteria 24, na posse da mitra, e que se deseja aproveitar para hospital do referido corpo;

Uma participação do fiscal Mieiro ácerca do mau comportamento do guarda Rufino, que a commissão mandou ouvir para depois proceder como fôr de justiça;

O relatorio do exame feito pelo delegado de saude do districto, conjuntamente com o sub-delegado e os vereadores para esse effeito commissionados aos depositos de escassos existentes nos Santos Martyres, depositos que com a rigorosa observancia das prescripções indicadas no mesmo relatorio, a camara resolveu permittir que sobsistam, fazendo entretanto, retirar d'um d'elles a nociva aglomeração das hastes das rezes abatidas no matadouro publico;

Uma communicação do chefe dos serviços municipaes sobre a posse illegal, em que estão, de terrenos de São Jacintho as diversas empresas de pesca da mesma costa, com excepção da *Senhora das Areias*, communicação sobre cuja exactidão a Camara resolveu informar-se, pedindo ás mesmas emprezas a prova dos direitos que por ventura tenham aos alludidos terrenos e proceder seguidamente como fôr de seu direito;

A nota dos fundos existentes no cofre em começo da corrente semana, sendo da quantia de 153$175 réis os pertencentes ao Asylo-Escola, e 742$325 os do municipio.

A camara tomou depois as seguintes resoluções:

Conceder o subsidio de lactação pedido por Licinio de Jesus, solteiro, jornaleiro, da Quinta do Gato, que reconheceu nas condições de ser attendido, mas exigir no futuro que os attestados de pobreza que acompanham estas petições sejam sempre firmadas não só pelo parocho e regedor da freguezia, mas ainda por um membro da commissão parochial e por um vereador;

Chamar para a vaga existente no quadro da vereação, visto a recusa formal do cidadão presidente em proseguir, o vogal substituto Bernardo Torres;

Proceder á medição e confecção do respectivo orçamento da expropriação a fazer aos cidadãos Agapito Rebocho e herdeiros do Visconde de Valdemouro, para a abertura da rua transversal á avenida *Araujo e Silva*;

Enviar para juizo, a fim de lhes ser exigida a multa respeitante á contravenção por elles praticada, acrescida por falta de obediencia á intimação que lhes foi feita, os cidadãos José Rodrigues da Cunha, casado, lavrador, de Mataduços, que se negou a apeiar um carvalho pendente do caminho para a Ribeira do mesmo logar; e João Simões Nunes, casado, proprietario, de Cacia que tendo obstruido uma valla que possue no Monte Mochão, e intimado para a desobstruir, o não fez; e

Dar approvação ao projecto apresentado pela presidencia para a construcção d'um alpendre annexo ao matadouro publico de reconhecida necessidade.

ASSOCIAÇÕES LOCAES

Reuniram no domingo em assembleia geral, para proceder á eleição dos corpos gerentes que hão-de funccionar durante o anno corrente, os Bombeiros Voluntarios, Recreio Artistico e Club Mario Duarte, não havendo disputa de listas senão n'este ultimo onde por vezes chegou a haver tumultos e banzé ensurdecedor.

Os resultados finaes foram os que passamos a expôr:

Bombeiros Voluntarios

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—João Bernardo Ribeiro Junior, *vice-presidente:* Padre Lourenço da Silva Salgueiro, *secretarios:* José Maria Victor e Angelo da Silva Padua.

Recreio Artistico

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente:—Antonio Augusto da Silva; *vice-presidente:* Florentino Vicente Ferreira; *1.º secretario:* Emydio da Silva Serrano, *2.º secretario:* Albano da Costa Pereira.

DIRECÇÃO

Presidente:—Maximo Henriques d'Oliveira, *vice-presidente:* José Marques Sobreiro, *thesoureiro:* Caetano Marques d'Almeida Christo, *1.º secretario:* Alfredo Vieira Guimarães, *2. secretario:* Luiz Lopes dos Santos, *vogaes:* Joaquim Gamellas Ferreira, João de Souza Marques Salgado, Luiz Vicente Ferreira, e Mario Rodrigues da Silva.

CONSELHO FISCAL

José Gonçalves Gamellas, José d'Almeida dos Reis, e Manuel Barreiros de Macedo.

Club Mario Duarte

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente:—Padre A. F. Duarte e Silva, *secretarios:* Silverio de Magalhães e Antonio Pereira.

DIRECÇÃO

Effectivos:—*Presidente:* Dr. Cherubim da Rocha Valle Guimarães, *secretario:* João Luiz Flamengo, *thesoureiro:* Francisco Marques da Silva, *vogaes:* João Pedro Ruella, Luiz Antonio da Fonseca e Silva e Gaspar Ignacio Ferreira.

Substitutos:—*Presidente:* Dr. Lourenço Simões Peixinho, *secretario:* Albano Duarte Pinheiro e Silva, *thesoureiro:* Pompeu da Costa Pereira, *vogaes:* Ruy da Cunha e Costa, Manuel Rodrigues Leite e Antonio Augusto de Moraes Machado.

NUNCA!

Toda a imprensa de Lisboa se insurge contra o vergonhoso conluio que ahi se está dando entre velhos *caciques* monarchicos da peor especie, inimigos irredutiveis do povo e da Republica, que na ancia do seu triumpho se identificaram, fraternisando com o seu mais implacavel insultador que cynicamente se apresenta rodeado dos seus antigos ajudantes do regimen deposto, sem outra mira a não ser o estabelecimento da desordem e da anarchia.

Mais uma vez desmacarados, todos os nossos correligionarios e até os indifferentes os apontam a dedo mantendo-os no charco onde se debatem.

Illudindo e envolvendo o governador civil na urdidura do seu trama, elles julgaram por momentos conseguir impor-se, misturando-se com os que tanta vez insultaram e aggrediram só por amor d'aggredir.

A' vigillancia e trabalho, á alta dedicação das commissões municipaes republicanas locaes e nomeadamente ao calor e afinco com que os republicanos sinceros teem sido defendidos por ellas, na pessoa do seu presidente, nosso prestante correligionario Dr. Marques da Costa, auxiliado por todas as commissões do districto mais uma vez abortou o infame trama executado por *Mijareta* e acolytos, dirigido por *Capirote* e applaudido na sombra por *Bécos*.

Sempre a trindade asquerosa e repugnante!

Posto a descoberto o plano, eis sobre o assumpto o que escreve o *Mundo*, no seu n.º de 17 do corrente sob a epigraphe *Vil comedia:*

«Ha gente para tudo porque, como se sabe, ha mães que matam os filhos. Só por esta fórma se explica que em Aveiro appareçam cidadãos dizendo-se republicanos, apresentando como patrono o insigne miseravel de que se serviu a monarchia. na sua fase de delirio, para anavalhar a Republica pela fórma mais infame e cobarde. E a audacia d'esses comediantes chega ao extremo que se vê n'um dos telegrammas de Aveiro que vão n'outro logar: a côrte do miseravel falla nos interesses da Republica e nos serviços que elle lhe está prestando! E' unico este espectaculo. Unico. Nunca se viu outro, nem póde vêr-se. E' o cumulo do desplante e do impudor! Assombra, faz nauseas, provoca vomitos. Percebe-se o que querem os comediantes. Percebe-se o que quer o miseravel que joga com elles, na nauseabunda comedia. Mas não tenham duvidas sobre o resultado da farça. Não as podem ter.

O Partido Republicano é, essencialmente, tolerante. Mas é digno. A ninguem illude, pois, a vilissima comedia que se desenrola. A ninguem. Teem direito a entrar no Partido Republicano todos os que de boa fé foram monarchicos, e os que por talta de coragem não deixaram de sê-lo. Mas nenhum republicano digno pode transigir com o insigne bandido que era e testa de ferro de todos os reaccionarios d'este paiz—instrumento dos seus mais vis odios, porta-voz das suas mais infames calumnias. Não julguem que é com essa retrete que podem abrir divisões no Partido Republicano. Não, não o conseguirão. Os que deem a mão a esse miseravel hão-de ficar com elle isolado, rodeando no pelourinho feito de dejectos em que elle se senta. No partido pode haver opiniões diversas sobre a fórma de serem tratados os antigos monarchicos. Mas não as ha sobre o tratamento que merece aquelle esterco. Não as ha, porque não se trata de uma questão politica. Trata-se de uma questão de dignidade. O Partido Republicano valeria tanto, moralmente, como a monarchia se tivesse ou consentisse qualquer especie de condescendencia com o maia porco, o mais desprezivel, o mais abjecto dos instrumentos da monarchia, ou com os seus auxiliares.»

«Tricanas e gallitos»

Teve hontem logar a primeira recita d'este grupo cujo producto destina ás victimas da revolução d'Outubro.

D'ella nada podemos dizer hoje visto o adiantado da hora a que terminou e o jornal ter de entrar na machina cedo.

Fica para o proximo n.º.

S. Gonçalinho

Tudo concorreu para que a festa ao santo casamenteiro das velhas nada deixasse este anno a desejar pelo que são dignos de todo o louvor o tempo, o fogueteiro e a musica.

Vamos agora a ver se os milagres correspondem ou não...

A' ultima hora

Por ordem do governo foi hontem de tarde intimada a suppressão do pasquim que n'esta cidade se publicava com o titulo de «Povo de Aveiro» o que causou geral satisfação na opinião publica.

* * *

Emquanto ao preenchimento da vaga do governador civil nada está resolvido, encontrando-se em Lisboa uma commissão para tratar do assumpto.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 17

Parece que para S. João de Loure será nomeado um distribuidor rural. Sabemos que se trata d'isso com todo o empenho.

—Na egreja d'Alquerubim consorciaram-se a sr.ª Rosa Moita, com o sr. Anthero Quintas, de Segadães.

Aos nubentes apetecemos-lhe todas as venturas de que são merecedores.

—Na mesma egreja e no ultimo sabbado foi resada uma missa commemorando o primeiro anniversario do passamento da esposa do sr. Manuel Maria Amador, sendo o acto muito concorrido.

—O frio continua implacavel, fustigando os remediados e confortados e martyrisano os desvalidos e pobresinhos.

C.

Tancos, 17

Por motivo da gréve dos empregados ferro-viarios, tem-se aqui feito sentir a falta de generos alimenticios, principalmente de pão, não tendo mãos a medir os padeiros locaes para o poderem fornecer aos destacamentos que aqui permanecem e que são de engenharia, cavallaria e infanteria.

—Ao nosse amigo, sr. Antonio da Rocha Martins, digno professor da escola de Verdemilho enviamos sinceros parabens pela collocação das suas duas filhas, Pompilia e Idalina nas escolas ultimamente creadas na Quinta do Picado e Arada.

Baptista.

ra, 13 puchadores esmaltados, tudo no valor de 1$500 réis; 11 puchadores dobrados, de vidro, no valor de 1$760 réis; 12 esporas de metal, no valor de 2$400 réis; 4 chaleiras esmaltadas, 2 caçarolas estanhadas, tudo no valor de 1$200 réis; 30 certãs, no valor de 2$400 réis; 12 trempes de ferro e uma quantidade de camas e lavatorios, tudo no valor de 90$960 réis; 64 tubos de 1 1[4, no valor de 7$040 réis; 33 tubos de 7[8, no valor de 3$600 réis; 175 kilogrammas de ferro suecio, no valor de 10$500 réis; 1:413 kilogrammas de ferro escocio, no valor de 46$630 réis; uma quantidade de sucata, no valor de 3$000 réis; 1 machina de furar, no valor de 3$000 réis; 2 cavaletes no valor de 19$000 réis; 2 tornos no valor de 9$500 réis; 2 malhos, no valor de 1$500 réis; 1 mó, no valor de 1$500 réis; 3 fogões usados, no valor 2$000 réis; 5 saccos de palha, no valor de 5$580 réis; 24 colchões, no valor de 30$000 réis; 1 carro de palha, no valor de 2$500 réis; um caleche no valor de 30$000 réis; 2 meias commodas de ceregeira, no valor de 10$000 réis; 6 cadeiras de ceregeira, no valor de 3$000 réis; 2 mezas pequenas, sendo uma de escrever, no valor de 4$000 réis; um Christo e um oratorio, no valor de 5$000 réis; 1 machina de costura em mau estado, no valor de 4$500 réis; 1 guarda-louça de flandres, no valor de 3$000 réis; 1 camapé, no valor de 1$200 réis; 1 porção de madeira de pinho, no valor de 1$200 réis; 8 chapas de ferro zincado (canelladas), no valor de 4$800 réis; 1 tarraxa, no valor de 2$000 réis; 1 camapé, no valor de 1$000 réis; 1 meza de pinho, 1 balança de balcão e outra de familia, tudo no valor de 2$200 réis; 1 balcão e estantes, no valor de 4$500 réis; 1 fole, no valor de 1$800 réis; 4 quadros com bordados em alto relevo, no valor de 2$000 réis.

Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem com direitos ao producto da arrematação para virem deduzilos, sob pena de revelia.

Aveiro, 16 de janeiro de 1911.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Ferreira Dias

O escrivão

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

Sociedade das Aguas da Curía

A pedido do conselho de administração da *Sociedade das Aguas da Curía* convido os srs. assionistas a reunir, em assembleia geral extraordinaria, na sala do estabelecimento thermal no dia 29 de janeiro de 1911, pelo meio dia, para se tratar dos seguintes assumptos:

Elevação do capital social e alteração dos Estatutos approvados pela assembleia geral de 28 de fevereiro de 1909.

Curía, 12 de dezembro de 1910.

O Presidente da assembleia geral,

José Paulo Monteiro Cancella.